



## PROPOSTA DIDÁTICA “IMERSÃO PELA PEQUENA ÁFRICA”

Cassiane Teixeira Cristovão Gomes<sup>1</sup>

Clara Thaís Pereira de Andrade<sup>2</sup>

Felipe Max Candido<sup>3</sup>

Julia Teixeira da Silva<sup>4</sup>

### **Breve contextualização do projeto**

A proposta didática “Pequena África explicada em posts: memória, patrimônio, escravidão, resistências e culturas negras na cidade do Rio de Janeiro” foi pensada e elaborada ao longo das aulas da disciplina de História e Mídias ministrada pela professora doutora Ana Maria Mauad no segundo semestre de 2022 na Universidade Federal Fluminense. O projeto parte da possibilidade de uma imersão virtual pela área conhecida como Pequena África no centro da cidade do Rio de Janeiro. A partir das experiências obtidas através dos estágios obrigatórios supervisionados realizados na Escola Estadual São Domingos Sávio no bairro de Santa Rosa em Niterói pensamos em como proporcionar aos estudantes das turmas que acompanhamos a possibilidade conhecer essa área tão importante da nossa cidade e da nossa história. Visto que, a maioria dos alunos não podia arcar com o deslocamento e as despesas referentes a essa proposta de aula de campo e a escola também não possuía condições de custear todo o percurso.

Entendemos que a especificidade do pensamento histórico é justamente o trabalho com o tempo. Isto é, a natureza do conhecimento histórico é diferente, pois ela necessita e combina habilidades distintas como a coordenação, sucessão e a simultaneidade. Desse modo, como desenvolver essas habilidades do pensamento histórico desde cedo em contextos de escolas aceleradas? Essa é uma questão importante para reflexão: pensar em como trabalhar com esses diferentes ecos de temporalidades nas aulas<sup>5</sup> rompendo com a

---

<sup>1</sup> Graduanda em história na Universidade Federal Fluminense. E-mail: cassianegomes@id.uff.br

<sup>2</sup> Graduanda em história na Universidade Federal Fluminense. E-mail: clarathais@id.uff.br

<sup>3</sup> Graduando em história na Universidade Federal Fluminense. E-mail: felipemax@id.uff.br

<sup>4</sup> Graduanda em história na Universidade Federal Fluminense. E-mail: juteixeirasilva@id.uff.br

<sup>5</sup> LAUTHIER, N. Os Saberes Históricos em Situação Escolar: circulação, transformação e adaptação. *Educação & Realidade*, vol.36, n.1, jan/abr 2011, 39-58.





perspectiva de uma aprendizagem natural da temporalidade e da história. À medida que as crianças vão crescendo, temos uma diminuição das atividades lúdicas, do cotidiano como foco e passamos a ter mais conteúdos. A concepção de história muda e ao invés de ensinar-se os alunos a se locomover no tempo entre história e memórias, a prática de ensino de história passa ser vista como informação e não como construção de conhecimentos e disputas<sup>6</sup>. É preciso fazer conexões, alusões e analogias com as compreensões de mundo vivido dos alunos.

Sob esse aspecto, a aula é um espaço temporal e devemos tentar provocar esse deslocamento entre tempo e espaço. O modo como os professores ensinam história pode tensionar esse lugar da escola como um local de disciplinamento. Podemos nos perguntar o que é e para que serve o ensino de história? Através das estratégias narrativas e do trabalho com a temporalidade podemos flagrar os trabalhos de criação e de “contação de histórias” dos docentes para envolver os estudantes nas temáticas<sup>7</sup>. Claro que devemos pensar no que mais engloba essa narração dentro das aulas de história.

A última versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) privilegia uma perspectiva de história eurocêntrica e quadripartite. Ou seja, um ensino de história na perspectiva dos acontecimentos europeus e na maioria das vezes protagonizado por homens europeus brancos<sup>8</sup>. Por isso, devemos nos perguntar como fica a questão da construção das identidades dos nossos alunos não-brancos? Como lidar com a

---

SIMAN, L. M. C. A temporalidade histórica como categoria central do pensamento histórico: desafios para o ensino e a aprendizagem. In: DE ROSSI, V. L. S., ZAMBONI, E. (orgs.) **Quanto tempo o tempo tem!** Campinas, Alínea, 2003.

<sup>6</sup>CAINELLI, M.R., OLIVEIRA, S.R.F. “Se está no livro de história é verdade”: as ideias dos alunos sobre os manuais escolares de história no Ensino Fundamental. In: GARCIA, T.M.F.B., SCHMIDT, M.A., VALLS, R. (org.) **Didática, história e manuais escolares: contextos ibero-americanos**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

<sup>7</sup>ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. Regime de historicidade: como se alimentar de narrativas temporais através do ensino de História.

<sup>8</sup>Ver: GODWIN, William. Os males de um ensino nacional. In: WOODCOCK, George. **Os grandes escritos anarquistas**. 3.ed. Porto Alegre: L&PM, 1986.; FERREIRA, Rodrigo de Almeida; PENNA, Fernando. O trabalho intelectual do professor de História e a construção da educação democrática: Práticas de história pública frente a BNCC e ao ESP. In.: ALMEIDA, Juniele; MENESES, Sônia. (Orgs.). **História Pública em Debate: Patrimônio, educação e mediações do passado**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.; FREITAS, L. C. de. “Os reformadores empresariais da educação e a disputa pelo controle do processo pedagógico na escola”. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 35, nº. 129, out.dez., 2014.





colonialidade que atravessa nossos currículos escolares? Ensinar uma história que privilegia acontecimentos europeus protagonizados por homens brancos europeus afeta a construção das identidades e subjetividades dos nossos alunos. Ao trazer a presença dos sujeitos colonizados, por exemplo, as mulheres negras e indígenas, estamos resgatando as subjetividades desses sujeitos, humanizando-os. Ao fazermos esse movimento de trazer a presença desses sujeitos colonizados que participaram/participam até hoje dos processos históricos estamos contribuindo para que nossos alunos se sintam representados e identificados com a história<sup>9</sup>. Podemos até acrescentar a discussão sobre o conceito de branquitude e pensar em como ela está localizada nos currículos de história, para não cairmos naquela tendência que pessoas brancas possuem de não se considerarem racializadas. Existe uma identidade branca, por exemplo, no livro didático? Precisamos também estudar a branquitude e problematizá-la<sup>10</sup>.

Portanto, a finalidade principal do projeto é proporcionar a criação de um espaço de conhecimento, trocas e diálogos pautados em um ensino de história antirracista e que valorize a presença das populações negras na construção e formação do nosso país. Uma das dimensões fundamentais do trabalho dos professores de história é a criação das condições de mudança para que os alunos se sintam capazes para se apropriarem dos conteúdos das aulas de história a fim de transformarem as suas realidades. Assim, vale ressaltar que estudamos história para compreendermos as disputas do nosso presente, percebendo os processos de rupturas, continuidades e permanências nas relações entre passado e presente. Percebendo os pontos de sutura nas costuras das narrativas oficiais e monumentalizadas da nossa história. Aquilo que o historiador Durval Muniz de

---

<sup>9</sup> Ver: BERGAMASCHI, M.A.; GOMES, L. B. A temática indígena na escola: ensaios de educação intercultural. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 53-69, Jan/Abr 2012.; RUSSO, K. Professores indígenas e os desafios da construção de uma escola intercultural. In: ANDRADE, M. (org) **A diferença que desafia a escola: a prática pedagógica e a perspectiva intercultural**. Rio de Janeiro, Quartet Ed./FAPERJ, 2009.

<sup>10</sup> ROSA, Marcus Vinícius de Freitas. Ensino de História e Branquitude. In: CESCO, Susana [et.al.] (org.) **Ensino de História: reflexões e práticas decoloniais**. Porto Alegre, Editora Letra 1, Apoio: CAPES, 2022.





Albuquerque denomina de "fazer defeitos nas memórias"<sup>11</sup>. O que esses silêncios na escrita da nossa história tem a revelar?

Além disso, observamos como o ofício do professor de história se aproxima do papel de narrador e de curador quando planeja uma aula. Pois, muitas vezes é necessário (des)educar o olhar no ensino de história. Quer dizer, o professor quando está planejando uma aula seleciona o que entra e o que sai, construindo uma narrativa problematizadora que se aproxime das realidades de seus estudantes. Por isso, tanto o professor de história quanto o historiador tem como um dos seus grandes objetivos fazer defeitos nas memórias. Ou seja, tensionar e problematizar as narrativas cristalizadas, monumentalizadas e consideradas como oficiais da história. Logo, é nesse sentido que o projeto Pequena África explicada em posts se posiciona nesse local diverso e cheio de possibilidades para que os estudantes se apropriem de seus conteúdos e passem a enxergar as suas realidades através das lentes do conhecimento histórico. Visto que, nós professores trabalhamos com imagens há muito tempo nas nossas aulas. Assim, as experiências didáticas com o Instagram, por exemplo, podem servir como laboratórios onde podemos explorar a cultura visual dos estudantes, observando e questionando como eles se apropriam das temáticas históricas.

### **Proposta de trabalho:**

A ideia central desta proposta didática pensada seria proporcionar aos alunos uma imersão virtual pela Pequena África, termo concebido pelo sambista Heitor dos Prazeres no início do século XX. Sendo que este espaço hoje é utilizado para denominar uma área correspondente aos bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, o que consideramos como a zona portuária da cidade do Rio de Janeiro. O tema/assunto a ser tratado nas aulas pode ser denominado de “Pequena África explicada em posts: memória, patrimônio, escravidão, resistências e culturas negras na cidade do Rio de Janeiro”. Isso será feito pela

---

<sup>11</sup>ALBUQUERQUE, D. M. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da História? In: Gonçalves, M. A. (org.). In: **Qual o valor da História hoje?** Rio de Janeiro: FGV, 2012, p. 21-39.





construção de um material didático, que se dá, então, pela utilização de uma plataforma digital, apoiada pela rede social Instagram (audiovisual), por meio de posts, stories e reels. Por meio de posts nesta plataforma digital, o objetivo seria, a medida em que o professor segue com o conteúdo, o aluno poderá utilizá-lo como um material didático de apoio para as aulas, expandindo seu conhecimento sobre essa área tão importante. A escolha desta plataforma digital vem muito no encontro de como os jovens reagem às novas tecnologias, em como as redes sociais, principalmente o Instagram, estão cotidianamente em suas vidas, por isso essa proposta é pensada para turmas do 8º ano do Ensino Fundamental II.

O tempo de utilização do material didático será determinado de acordo com a quantidade de aulas administradas em sala de aula, em decorrência aos principais conteúdos propostos, como o papel do Brasil no tráfico transatlântico de escravizados, a abolição da escravatura no Brasil, o papel do Estado brasileiro no pós-abolição. Mas também não se esquecendo que a presença negra no Brasil também foi movida por resistências, assim evidenciando as manifestações culturais e políticas das populações negras escravizadas e libertas na cidade do Rio de Janeiro. Mas problematizando outras questões, como as políticas de urbanização e modernização na cidade do Rio de Janeiro discutindo questões sobre moradia, saúde e qualidade de vida. Também sobre o processo de favelização e cortiços, trazendo questões como insalubridade. Além da Reforma promovida por Pereira Passos para modificar o Rio de Janeiro, embelezando e copiando questões de vida e arquiteturas francesas, sempre tentando esconder um passado escravista. Trabalhando a questão de maior exclusão da população pobre, e principalmente, os recém libertos, dos centros urbanos. Mas sempre fazendo um contraponto para os alunos de que houve movimentos de resistência das populações negras a essas implementações. Trazendo, assim, debates contemporâneos sobre como esses processos ainda são perpetuados, como as populações negras ainda são marginalizadas.

Assim, os posts presentes no Instagram contam com um percurso pela Pequena África, indicando suas principais paradas, mas posts extras também serão realizados



como complemento, além de discussões problematizadoras, como a ausência de mulheres negras ao falarmos sobre o samba na Pedra do Sal e questões como memória e patrimônio ao citar a Casa de Machado de Assis.

**Conta no Instagram:** @pequenaafricaff

(<https://www.instagram.com/pequenaafricaff/>)